

UM PAR DE PÉS ou UM PAR DE CHINELOS empoeirados

Apropriação conceitual sobre o artista Paulo Nazareth. pesquisa tem como base, o texto de Jacques Derrida. “A verdade em medida“, que dialoga com os textos de Heidegger e Schapiro, sobre a pintura; “Um par de sapatos” do pintor, Vicent Van Gogh.



[1] Projeto carregando poeiras nos pés, Paulo Nazareth: abril de 2006

“Vamos esperar um pouco. Em todo o caso, não importa de onde eles vêm ou de onde eles retornam, pois, estes sapatos não vão retornar em segurança”. (Derrida)

De quem são os pés rachados? A quem pertencem o par de chinelos? Diferente de Heidegger e Schapiro, minha tarefa parece ser mais simples, não precisaria procurar em infinitas páginas, a verdade dos chinelos empoeirados, ou melhor, projetar uma leitura imaginaria a quem pertence os pés rachados? Seja de “um camponês ou de um homem da cidade”, sabemos de imediato que esses pés pertencem evidentemente ao artista mineiro Paulo Nazareth, de Governador Valadares. Está foto foi tirada em uma de suas andanças no norte da Índia entre fevereiro e abril de 2006, o título do projeto chama-se: “Carregando poeira nos pés”.

Mas se assim fosse, a questão estaria encerrada, e eu teria ganho algumas *rupias* do próprio artista se estivesse na Índia. Refiro a performance que ele se propôs a fazer na Índia, em que o artista procura um local público, para estender um cobertor no chão, e

uma de suas mãos segura um papel recunhado em sânscrito e inglês: “ *pago uma rúpia para quem souber de onde venho? E cem rúpias para descobrir o que faço?* ”, trata-se de colocar em questão a sua origem e a identidade tanto do sujeito como da obra de arte.

Diz o autor; “Tenho antepassados indígenas, então me propus a caminhar nas ruas da Índia, mas ninguém me chamava de índio, já que os europeus vêm os brasileiros como indígenas. Essa é a questão (da performance), então agarro uma moeda, uma rupia, uma unidade unitária que pagaria para aquele que soubesse de onde eu venho? O meu país? Ou cem moedas para saber o que eu faço? ” (Paulo Nazareth: entrevista *BHNEWS*).

Ao que parece, ninguém descobriu a verdade sobre a origem dos chinelos empoeirados de Nazareth e nem o que ele faz, daí surgiu uma outra pergunta; será que Heidegger e Schapiro, caso ambos estivessem entre os indianos, não teriam acertado e ganho as cem rupias?

Sendo descendente de negros, índios e europeus, Nazareth tem como tema principal as questões relacionadas à *identidade*, à *miscigenação*, aos deslocamentos do sujeito. Durante sua cruzada pela América Latina, Paulo Nazareth, procurava por pessoas que tivessem traços semelhantes aos seus, isto é, traços que conservassem uma origem indígena, sendo ele descendente da tribo Krenak. Na série “*Sobre o Deslocamento de Coisas e Gente*” Nazareth procurava e fotografava os seus semelhantes; “Queria investigar essa relação da minha cara e a cara do outro. O que eu levo em meu rosto que tem o rosto do outro. O quanto eu sou indígena em relação ao outro. É uma mestiçagem que não é só de corpo, mas também da língua, da religião. *Dessas coisas que se contaminam, se mesclam, se misturam*”. Neste ponto, retornaremos a questão; “de quem são os pés empoeirados? A que sujeito pertence os chinelos impregnados de poeiras? ” Ou melhor, parece que as questões querem ir um pouco para baixo, ou “mais abaixo” aos pés.

Nazareth nos coloca a questão do andarilho, o lugar do andar, questões parecidas com que Derrida nos coloca, do tipo:



[1] *Figura 1 – Um par de sapatos. Vicent Van Gogh; Agosto, 1887, Arles.*

“onde colocar os pés?”, “Como você vai andar?”, “E senão andar?”, “O que acontece se isso não anda/funciona [...] “Quando andar – e por qual razão – andar?”, “Quem anda?”, “Com quem?”, “Com qual?”, “Sobre os pés de quem?”, “Quem faz andar quem?” “O que faz andar quem ou qual?”, etc., (Derrida, p.8).

Quem é o sujeito real dos chinelos empoeirados? Todo andar se liga a um andar de um sujeito, se o par de sapatos na pintura de Van Gogh atribuem há um sujeito, e a qual sujeito eles pertencem? Talvez ao camponês ou a camponesa como pensava Heidegger. Ou mesmo Schapiro que verá o próprio pintor nos sapatos. Schapiro dirá que Heidegger estava errado, e propõem que os sapatos sejam de Van Gogh ou melhor, o próprio pintor. Como diz Derrida: “Dois impulsos complementares de restituir a pintura de van Gogh à verdade”. Para Schapiro, os sapatos eram de van Gogh, eles mostravam sua angustia, seus confrontos. Já Heidegger, os via pertencendo a um camponês, à terra, ao trabalho e à técnica. Derrida, nem um nem outro, ou ainda, ambos simultaneamente, à terra e o camponês.

Penso que os chinelos empoeirados de Nazareth não atribuem ao um único sujeito, ou a um lugar, mas acima de seus chinelos andam múltiplos sujeitos de variados lugares. Neste sentido, a poeira dos chinelos tem potência ambíguo, ao mesmo tempo que esconde, empoeirando o sujeito, ela (a poeira) é capaz de acumular outros lugares e sujeitos. Na série “*Notícias da América*” Nazareth coloca essa questão da identidade, ora é um índio, outra ora se passa por Árabe, e depois se confunde com os italianos. “Sou neto de krenaks, bisneto de italiano, asiático segundo teoria do povoamento da América. Me chamo Paulo Nazareth de Jesus, isto é, tenho nome de cidade do Oriente Médio – Nazaré – e católico, dado por mãe, que é do candomblé” (entrevista, Walter Sebastião, Estado de Minas).

Voltando a questão dos pés, “Um par de pés tortos”, pensemos no par de sapatos tortos, pintados por Van Gogh e no “par de pés tortos” de Nazareth. Ter os pés e os sapatos tortos, não significa caminhada torta ou uma má caminhada, mas trata-se de um caminhar ziguezagueante de ir-e-vir pelas trincheiras, fazer-se *treincheiro*. “me tornar *treincheiro* foi de alguma forma uma preparação para estar na Índia, para continuar a caminhar”. Ao que parece Nazareth nasceu com os pés envesados;

Eu nasci com os pés tortos, “para dentro”, era bom para jogar bola, porque travava a bola, então, nunca sofri com isso, mas passei por uma operação, de forma que meus pés

ficaram como os pés de qualquer um, segui andando, sempre andava desde sempre. Quando fui me descobrindo como artista, isso foi se tornando parte do meu trabalho. (Entrevista).



Seri Itako, da série Notícias da América

Nazareth quer lidar com “**o ser-de-baixo, do solo e do subsolo [...]**” procura transportar poeiras entorno dos pés de um lugar-a-outro. Renunciar os sapatos, significa negar aquilo que é próprio de sua função, de sua utilidade; vestir os pés, protegê-los das poeiras, separar em sola o chão do pé. Em 1875 Van Gogh escreve a seu irmão depois de visitar a exposição parisiense de pastéis, os *Sapatos de Madeira* de Millet: “*Ao entrar no átrio do Hotel Drouot, onde eles estavam expostos, pensei: ‘Você deve tirar os sapatos porque o chão que está pisando é sagrado’*”. Caminhar, fazer rachar os pés com poeira para depois deixar que as fissuras possam carrega-las para outros lugares. Refiro novamente a série de Nazareth: “Carregando poeira nos pés de vários lugares”. Nazareth recebeu um convite para residir por um período no Brooklyn em uma casa de artista. Mas se recusa ir de avião; “*Ir de avião nega a existência do que existe entre os dois países, se impregnar de américa latina, é uma das maneiras de deixar a poeira se acumular nos pés*”. Percurso que durou 6 meses e 15 dias de Santa Luzia à Nova York com o mesmo par de chinelos, sem que os pés sejam lavados, somente no dia 28 de outubro, dia de São Judas Tadeu, que o artista lava os pés no rio Hudson, com a intenção de deixar que o rio transporte para outro lugar, as memórias dos lugares por onde andou, empoeiradas no par de chinelos.



[2] *Le Modèle Rouge Magritte René (1898-1967) Paris, Centre Pompidou – Musée national d'art moderne.*

Na pintura de Magritte há uma inversão das funções, não é mais o sapato que cobre os pés, mas são os pés que protegem os sapatos, fazendo e invertendo sua função. Podemos chegar à constatação de que alguns sapatos são feitos com pele de animal, mas Magritte nos provoca a ideia de que os sapatos são produzidos com pele humana, fazendo os pés retornem ao chão. Neste sentido, vejo uma semelhança com Paulo Nazareth, ele quer também fazer os pés retornarem ao mundo, retornar ao solo. Nazareth parece operar o retorno dos pés sobre o chão para depois partir, apanhar os pensamentos por baixo, fazer andar a vida, empoeira-la e depois lava-la.

Concluo o trabalho com uma das reflexões que o artista talvez nos provoque; O que significat*treicheirar* um pensamento junto ao corpo? Como fazê-lo caminhar como *treicheiro*?

Trata-se de um pensamento de solo, de subsolo, que pensa abaixo, não no sentido negativo, não mais um pensamento metafísico as alturas, nem territorialista, é um pensamento que deixa de ocupar o seu próprio lugar fixo, para caminhar junto ao corpo, não separado dele. Caminhar como *treicheiro*, significa retornar para partir e caminhar para repartir.

Bibliografia

Jacques Derrida – A verdade em medida, trad. Rozângela Gontijo, fev. 2015.

Maria do Carmo de Freitas Veneroso – Notas sobre Paulo Nazareth, rev. ufmg, belo horizonte, v. 20 171 , n.2, p. 170-187, jul./dez. 2013

Merleau-Ponty – Olho e o espírito, ed. Cosacnaify. **Trad.** Maria Ermantina Pereira, Paulo Neves.

Blogs sobre o Artista e referencia das obras

<http://artecontemporanealtda.blogspot.com.br/>

www.latinamericanotice.blogspot.com

<http://cadernosdeafrica.blogspot.com.br/>

Entrevistas e blogs acessados

Daniella Zupo, *BHNEWS*, <https://www.youtube.com/watch?v=oySOTLnQiwI>
Rede Minas – programa – *Diversos*, https://www.youtube.com/watch?v=zgmh_vabnYw
tv bliviana – paulo nazareth in Bolivia tv <https://www.youtube.com/watch?v=fK-1FOMRqGk>
<http://www.fortresstosolitude.com/artists/paulo-nazareth>
<http://oglobo.globo.com/cultura/paulo-nazareth-um-artista-exotico-10544447> –
por Audrey Furlaneto.
<http://veja.abril.com.br/noticia/entretenimento/paulo-nazareth-o-andarilho-das-artes/>
René Magritte : <http://www.panoramadelart.com/modelerougemagritte>